

# Três casacos e suas histórias

Na hora de escolher um casaco, apossa-se de mim o espírito de Hamlet. Comprar ou não comprar?

**N**ão sei como é para vocês, mas para mim comprar roupas – e por isso faço-o raramente – é sempre uma aventura de resultados imprevisíveis. Estou pensando, por exemplo, em três casacos que comprei, os três nos Estados Unidos (não é esnobismo: é que lá faz frio mesmo e a gente acaba precisando) cada um dos quais daria, senão um romance, pelo menos um conto.

A história do primeiro casaco ocorreu em minha primeira viagem ao país do Tio Sam. Era inverno e já cheguei batendo queixo. O casaco brasileiro simplesmente não me protegia de uma temperatura nova-iorquina de vários graus abaixo de zero. Saí, pois, atrás de um casaco americano. Entrei em várias lojas – nessas horas apossa-se de mim o espírito do indeciso Hamlet, sempre com aquela pergunta do ser ou não ser (no caso, comprar ou não comprar). Finalmente, num pequeno estabelecimento cujo proprietário parecia ter saído do Bom Fim, achei um casaco que me pareceu conveniente. Era quente, era do tamanho certo, era até elegante. Eu já ia pagar quando a maldita dúvida me ocorreu: e se, em alguma outra loja, houvesse um casaco melhor à minha espera? E se eu estava sendo precipitado?

Disse ao homem que iria pensar mais um pouco. A consternação que dele se apossou era uma coisa de dar dó. Tive a certeza de que ele e a família não comeriam – naquele dia e por muito tempo – se não me vendesse o casaco. Mas agora meu comportamento era governado pelas leis do implacável mercado: queria fazer valer meus direitos de consumidor. Despedi-me e saí. Continuei minha peregrinação às lojas por mais umas duas horas, ao fim das quais estava convencido: o casaco que eu queria era aquele mesmo. Decidi, pois, voltar ao estabelecimento. Mas quem disse que o achava? Não tinha anotado o endereço e Nova York é uma cidade grande. Andei para cá e para lá um bom tempo sem resultado. E já ia voltar para o hotel quando, de repente, avistei a lojinha. Corri para lá, entrei, e bradei as palavras mágicas: sim, eu quero! Sim,



eu vou levar o casaco! Quase em lágrimas, o homem contou os dólares e entregou-me o casaco. Posso garantir que raramente a humanidade viu duas pessoas tão felizes.



O segundo casaco foi comprado em Providence, Rhode Island, cidade em que passei algum tempo como professor visitante na Brown University. Nossa casa não ficava longe da universidade e eu ia a pé para lá, todas as manhãs. A medida que o inverno foi chegando es-

te trajeto revelava-se cada vez mais difícil. Um dia, saí só de camisa (além das calças, claro – o que é que vocês pensam?). Tinha feito a metade do trajeto quando comecei a congelar: o frio, nesses lugares, é insidioso, vai entrando na gente aos poucos. Eu poderia voltar e apanhar um casaco, mas àquela altura já estava longe. Indeciso, avistei naquele momento uma casa em que estava anunciada uma “garage sale”. O que é um intrigante hábito americano: eles desperdiçam horrores, mas de repente resolvem vender coisas usadas. São capazes de pedir um centavo por

uma velha esferográfica e ficarão ali toda a manhã para vendê-la, mas trata-se da ética do capitalismo que não pode ser contrariada. Pois bem, entre as coisas expostas nessa “garage sale”, estava um casaco, um velho casaco de veludo. Experimentei-o: era exatamente do meu tamanho. Paguei os cinco dólares pedidos e saí absolutamente abrigado do frio. Quando cheguei à universidade contei à secretária do departamento o que tinha acontecido. A moça empalideceu: então, eu não sabia que aquilo poderia ser o casaco de um morto?

Não, eu não tinha pensado nessa possibilidade. Que não me assustou, pelo contrário. Achei-a mais do que justa. Afinal de contas, pelo menos uma vez a morte de um americano beneficiou um brasileiro. Justiça poética ou justiça funerária, o certo é que daí em diante não passei mais frio.



O terceiro casaco foi comprado recentemente, em Washington. Eu tinha ido a uma reunião do National Institute of Health e lá chegando, dei-me conta de que não tinha um paletó adequado: se houvesse alguma recepção, eu não estaria adequadamente vestido. De modo que iniciei, mais uma vez, a caça ao casaco. Como de costume (acho que os vendedores americanos já devem me conhecer: lá vem aquele brasileiro estranho) comecei a peregrinação pelas lojas de roupa. E, como de costume, o resultado era desanimador, agravado agora pela desproporção dólar-real. Aí entrei na Filene's, que não é exatamente um estabelecimento sofisticado: trata-se antes de uma loja popular. Mas ali avistei exatamente o casaco que eu queria – na cor que eu queria, no corte que eu queria e com um preço até suportável, apesar da mísera situação do real. Mas – sempre há um mas – um aviso dizia: tratava-se de tamanhos grandes, superiores a 46, e eu uso 40. Já ia embora, desanimado, quando resolvi ao menos experimentar um daqueles casacos para ver como ficava.

Ficou perfeito. Incrível: ficou perfeito. Intrigado, chequei o número. Quarenta. Um quarenta ali extraviado. E que eu tinha apanhado, inteiramente por acaso.

Deus existe. Habitualmente está no céu. Mas eventualmente dá plantão na loja Filene's. Na seção de casacos.